

A Sala Verde Judith Cortesão como espaço de Educação Ambiental das Infâncias

La Sala Verde Judith Cortesão como espacio para la Educación Ambiental Infantil

The Sala Verde Judith Cortesão as a space for Childhood Environmental

Fabíola Delsale Diniz Guerreiro¹
Gabrielle Lopes das Neves²
Melina Terra dos Santos³

Resumo

Este artigo tem por objetivo compartilhar o projeto de extensão elaborado entre a Biblioteca Setorial da Pós-Graduação em Educação Ambiental – Sala Verde “Judith Cortesão” e discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental -PPGEA. Com o intuito de dinamizar as ações educativas da Sala Verde, o projeto tem como objetivo pensar a Educação Ambiental- EA, junto com as crianças do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente / Rio Grande-RS – CAIC. Para tanto foi elaborado um cronograma de atividades que serão realizadas junto com a escola, através de práticas educativas ambientais. A partir disso, entendemos que a escola se torna um espaço privilegiado para refletirmos a respeito das relações ser humano- ser humano e ser humano natureza, logo é importante fortalecer os diálogos da EA, através dessas relações que nos desafiamos em estabelecer.

Palavras-Chave: Biblioteca; Educação Ambiental; Infâncias.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo compartir el proyecto de extensión preparado entre la Biblioteca del Sector de Postgrado en Educación Ambiental - Sala Verde "Judith Cortesão" y los estudiantes del Programa de Postgrado en Educación Ambiental -PPGEA. Con el fin de racionalizar las acciones educativas de la Sala Verde, el proyecto tiene como objetivo pensar en la Educación Ambiental - EA, junto con los niños del Centro de Atención Integral a Niños y Adolescentes / Rio Grande-RS - CAIC. Con este fin, se preparó un cronograma de actividades para llevar a cabo junto con la escuela, a través de prácticas educativas ambientales. A partir de esto, entendemos que la escuela se convierte en un espacio privilegiado para reflexionar sobre las relaciones entre el ser humano y la naturaleza humana, por lo que es importante fortalecer los diálogos de EE, a través de estas relaciones que nos desafiamos a establecer.

Palabras claves: Biblioteca; Educación ambiental; Infancia.

Abstract

This article aims to share the extension project prepared between the Postgraduate Sector Library in Environmental Education - Green Room “Judith Cortesão” and students of the Postgraduate Program in Environmental Education -PPGEA. In order to streamline the educational actions of the Green Room, the project aims to think about Environmental Education - EA, along with the children of the Center for Integral Attention

¹ Mestre em História, Universidade Federal do Rio Grande-FURG, Rio Grande, Rio Grande do Sul. E-mail: fabioladiniz@yahoo.com.br

² Mestra em Educação Ambiental pelo Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, Rio Grande do Sul. E-mail: gabriellegllopes18@gmail.com

³ Graduada em Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: melinaterra92@gmail.com

to Children and Adolescents / Rio Grande-RS - CAIC. To this end, a schedule of activities was prepared to be carried out together with the school, through environmental educational practices. From this, we understand that the school becomes a privileged space to reflect on the relations between human being human and human nature, so it is important to strengthen the dialogues of EE, through these relationships that we challenge ourselves to establish.

Keywords: Library; Environmental education; Childhood.

1. Introdução

O presente artigo busca compartilhar um plano de ação que orientará experiências que está sendo resultado de uma parceria entre a Biblioteca Setorial da Pós-Graduação em Educação Ambiental – Sala Verde “Judith Cortesão”, e discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental-PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande- FURG. Desta forma refletindo sobre o caráter dinamizador, articulador e integrador, da Sala Verde, pensamos em um projeto de extensão que contemplasse os objetivos da Biblioteca em constituir-se como um centro de informação e formação ambiental. Em parceria com a coordenação do Programa de Pós-Graduação- PPGEA, construímos este plano de ação levando em consideração para a elaboração deste projeto as experiências da formação inicial em Pedagogia das autoras, entendendo que a formação em Pedagogia foi essencial para escolhermos as Infâncias como categoria histórico-social potentes para pensarmos os diálogos que a Educação Ambiental pode potencializar a partir do lugar com as crianças.

A partir de diálogos, entendemos que este projeto de extensão tem como objetivo geral, despertar/fortalecer a curiosidade, o interesse pelas questões ambientais que envolvem a sociedade como um todo, fazendo-os refletir sobre seu lugar no mundo, a partir dele nos desafiamos a construir outras questões que fortalecem as discussões do campo da Educação Ambiental, são eles: **1-** Sensibilizar os estudantes do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente / Rio Grande-RS – CAIC, sobre a importância de nos relacionarmos com o ambiente numa relação de menos posse e de mais interação; **2-** Pensar em conjunto com as crianças maneiras de efetivar um trabalho de conscientização ambiental nos mais diversos espaços em que os mesmos atuam; **3-** Construir junto às crianças a noção de pertencimento a partir do lugar em que vivem.

A seguir apresentaremos os caminhos que nos embasam para pensar “A sala verde como espaço de Educação Ambiental das Infâncias”. Para orientar o desenvolvimento deste artigo, trazemos uma explanação sobre a *Biblioteca Judith Cortesão*. Esta parte inicial do trabalho se propõe a explicar os objetivos da Biblioteca Setorial, e seu caráter pedagógico quando pensa propostas educativas que sejam efetivadas junto com a sociedade além de ser

integrante do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental- PPGEA. Em seguida temos a justificativa a qual ajuda a compreensão do leitor para entender o surgimento e a importância da realização deste trabalho. No final da primeira parte nos propomos a refletir sobre o significado das práticas educativas ambientais, em articulação com uma proposta que busca um caráter interdisciplinar, fortalecendo a Educação Ambiental como categoria presente na vida dos sujeitos, intitulado como: *Práticas Educativas Ambientais para que a Educação encontre a Educação Ambiental*.

Na segunda parte do trabalho, consta a metodologia e as considerações até o momento. A metodologia detalha as etapas das práticas educativas ambientais, bem como os materiais utilizados, o cronograma de atividades e os participantes do projeto e por fim, as considerações até o momento, relatam a análise dessa experiência vivenciada por nós e pelas crianças do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente / Rio Grande- RS – CAIC, como também a defesa de uma Educação Ambiental que é pensada a partir dos olhares das Infâncias.

2. Sala Verde da FURG – Biblioteca Setorial da Educação Ambiental Judith Cortesão

Inaugurada em 28/05/2007, a Sala Verde Judith Cortesão é uma Biblioteca Setorial do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), e está vinculada ao Sistema de Bibliotecas (SIB) da FURG. Faz parte do Projeto Sala Verde do Ministério do Meio Ambiente, e atende não só a comunidade acadêmica da FURG, como a comunidade em geral.

Além de biblioteca setorial, é um espaço dedicado ao delineamento e desenvolvimento de atividades de Educação Ambiental para a comunidade, com o objetivo de constituir-se em um centro de informação e formação ambiental. O Projeto Sala Verde é coordenado pela Diretoria de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente (DEA/MMA).

As Salas Verdes têm como missão disponibilizar, difundir e democratizar a informação ambiental, buscando a socialização dos materiais distribuídos pelo MMA e colaborando para a construção de um espaço que, além do acesso à informação, ofereça a possibilidade de reflexão e construção do pensamento/ação ambiental.

O acervo da Sala Verde da FURG é composto pelas obras: doações da Prof^a. Dr^a. Judith Cortesão; material bibliográfico da antiga biblioteca do PPGEA; obras recebidas do Ministério do Meio Ambiente, por meio do Projeto Sala Verde; teses e dissertações defendidas no PPGEA; obras recebidas por meio de compras realizadas pelo Sistema de Bibliotecas (SIB); intercâmbios e doações.

Maria Judith Zuzarte Cortesão (1914-2007) foi professora universitária, geneticista e ecologista. Escreveu dezesseis livros e participou da elaboração de seis filmes, tais como: “Taim: a reserva gaúcha”. Foi uma das criadoras do programa Globo Ecologia, da ONG ARCA e consultora das ONGs SOS Mata Atlântica e Instituto Aqua.

Na Universidade Federal do Rio Grande- FURG, foi professora do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental- PPGEA e participou de duas expedições brasileiras à Antártida que deu origem ao Programa “Asas Polares”. Prestou consultoria aos Museus Oceanográfico, Antártico, Ecomuseu da Ilha Pólvora, localizados no município de Rio Grande/ RS, além de participar como membro do setor de Educação Ambiental do Programa Mar de Dentro. O acervo pessoal da pesquisadora está disponível na Biblioteca que a homenageia: Biblioteca Setorial da Pós-Graduação em Educação Ambiental – Sala Verde Judith Cortesão.

O Projeto Sala Verde possui objetivos mais amplos do que ser apenas uma biblioteca constituída por referências voltadas à Educação Ambiental.

As Salas Verdes têm como missão: disponibilizar, difundir e democratizar a informação ambiental, buscando a socialização dos materiais distribuídos e colaborando para a construção de um espaço que, além do acesso à informação, ofereça a possibilidade de reflexão e construção do pensamento/ação ambiental. (BIBLIOTECA SETORIAL DA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL SALA VERDE JUDITH CORTESÃO)

Com um papel dinamizador, articulador e integrador, a Sala Verde viabiliza iniciativas que propiciem uma efetiva participação dos diversos segmentos da sociedade na gestão ambiental, seguindo uma pauta de atuação permeada por ações educacionais, que caminhem em direção à sustentabilidade.

A Sala Verde tem o propósito de desenvolver atividades diversas de Educação Ambiental como: cursos, palestras, oficinas, eventos, encontros, reuniões e campanhas. Então, é nesse contexto que a Sala Verde realizará junto aos alunos do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente / Rio Grande-RS – CAIC, práticas educativas ambientais, as quais possibilitem desenvolver nos sujeitos participantes do projeto, uma sensibilização que caminha para além de explorar apenas questões da flora e da fauna. Isto é, possibilitar aos sujeitos envolvidos, a compreensão de que a Educação Ambiental (EA) é constituída por questões sociais, econômicas, culturais e também pela relação ser humano e natureza e ser humano e ser humano.

A partir do desenvolvimento do projeto serão promovidos momentos de interações e espaços de aprendizagens, em que os alunos se reconhecerão como parte de um processo ativo

e dinâmico, onde devem e precisam atuar como agentes transformadores em todos os espaços que vivem: família, escola, bairro, igreja, associações, grupos de amigos, entre outros.

3. Justificativa

Quando escreveu seu livro *O que é Educação*, em 1981, Carlos Brandão nos expressou muito bem a ideia de que o conceito de Educação tem se ampliado na medida em que a sociedade caminha rumo a um avanço, tanto tecnológico, quanto subjetivo. Isto é, torna-se evidente que as transformações sociais da atualidade, contribuíram para consolidar aquilo que compreendemos por Educação na contemporaneidade. Sendo assim, entendemos que somos de uma forma, ou de muitas outras, constantemente envolvidos em um acontecer educativo, que pode se dar junto de nossos familiares, na igreja, na rua, entre muitos outros lugares. Afinal, todos nós, em algum momento de nossas vidas, nos envolvemos com ela. (LIBÂNEO, 2010). Logo, é importante desde já, compreendermos que o processo educativo se constitui nos diferentes espaços, indo para além da instituição escola, ou até mesmo, dando seus primeiros passos longe dela.

A infância tem se constituído como uma temática de grande procura para a área de pesquisa. Porém com os mais variados focos, métodos e teorias, os quais acabam por determinar diversas imagens sociais sobre as crianças (ANDRADE, 2010). Na grande maioria dos estudos sobre esse grupo geracional, apresentam-se registros ao longo da história de que a criança em sua constituição biológica, sempre existiu. Mas, o sentimento de infância, o olhar para a criança como um ser que necessita de cuidados e a criação de formas de regulação da infância é algo que foi se constituindo na modernidade. (DELGADO, 2003).

Sendo assim, a Educação Ambiental diante das infâncias contemporâneas se torna uma ferramenta capaz de, junto com as crianças, pensar o lugar, que é mediatizado pelas relações ser humano-ser humano e/ou ser humano/natureza. A partir disso acreditamos que integrar a EA às práticas educativas desse projeto não significa, ensinar as crianças o seu histórico, ou os saberes que vêm sendo produzidos academicamente, mas sim compreender as crianças como por natureza curiosos, inquietos na medida em que constroem hipóteses acerca do mundo que os rodeia.

Nessa perspectiva, as crianças não são sujeitos submissos e passivos a normas elaboradas pela sociedade adulta; ao contrário, são concebidas como protagonistas de sua história, tendo capacidade de construir saberes e ideias sobre seu entorno. A criança passa a ser vista como produtora de cultura, dando assim um novo paradigma sobre a infância. Um longo caminho foi percorrido até se obter esse novo olhar e muito há que ser feito para ampliá-lo na teoria da Sociologia da Infância. (COELHO, MEDEIROS, 2010, p.31)

Quando consideramos o potencial crítico/participativo/transformador das infâncias queremos garantir que a EA seja pensada também a partir desses olhares infantis, ou seja, quando definimos as crianças como atores sociais, estamos dizendo que é direito delas participarem da cultura vivida em seu meio social. *Por que ouvir as crianças?* Apresentamos esse questionamento para procurar tecer qual a relevância dessas práticas educativas ambientais nos campos do conhecimento da Educação Ambiental.

É importante destacar aqui a complexidade a qual se constitui as práticas educativas ambientais com crianças. Diferentemente dos adultos, os quais muitas vezes são entrevistados e participam diretamente, seja com entrevistas semi-estruturadas, ou por questionários objetivos, sem grandes problemas, as práticas educativas ambientais com crianças devem se constituir de uma forma mais leve, sem que o adulto estabeleça relações hierárquicas – o que é muito comum se pensarmos em termos culturais. Distanciar-se dessa relação de poder sobre elas é um processo longo e muito delicado.

As crianças quando inseridas no meio social são sujeitos ativos. Pensar nelas meramente como indivíduos que se inserem em determinados espaços sociais - passivamente - é desconsiderar o espaço como eixo estruturante de sua formação, tanto psicológica, quanto comportamental. Nas práticas educativas ambientais com as crianças, ter a clareza de que as mesmas agem, reproduzem e produzem sobre o meio faz toda a diferença para que o pesquisador possa se tornar uma espécie de mediador e não um sujeito imponderado por ser de outro grupo geracional e detentor de saberes - o que acaba tornando-os instrumentos capazes de influenciarem nas respostas dos pesquisados. Horn & Gobbato (2015), nos ajudam a compreender o papel da criança na sociedade contemporânea:

Entendemos a criança como agente do seu próprio conhecimento, como protagonista e ativa, alguém que aprende na interação com o meio e com outros parceiros. Essa interação introduz a criança no ambiente, estimulando-a a participar, a construir e a ser protagonista, em uma atitude participativa, que acontecerá na vida que partilha com o grupo (HORN & GOBBATO, 2015).

Ouvir as crianças é levar em conta sua faixa etária, sua cultura, seu cotidiano, seus vínculos sociais, entre outros fatores que constituem os sujeitos que são. É colocar-se como sujeito também integrante do espaço a ser pesquisado, para que não aconteçam casos de constrangimento em uma, ou ambas as partes. É necessário respeitá-las e ter a consciência de que o processo de escuta se constitui com a utilização de outras formas de expressão, além da fala. Como por exemplo: a utilização de desenhos, contos, fotografias, entre outras formas de expressão das crianças. (ROCHA, 2008).

Rever seus conceitos e estar sempre vigilante às epistemologias que defendemos é uma

tarefa crucial para quem decide realizar a pesquisa com crianças. Dizemos isso, pois não podemos correr o risco de retomar um conceito de infância ingênua, neutra e idealizada pelos adultos, como por muito tempo se configurou na sociedade burguesa ocidental. (CAMPOS, 2008). As crianças são capazes sim de manipular informações, responderem exatamente aquilo que o adulto quer ouvir, entre outras estratégias para agradar a quem está pesquisando. Afinal, elas trabalham e constroem uma sabedoria e aos poucos vão aprendendo a lidar com as situações do cotidiano assim como nós adultos. Logo, partir do princípio de que as mesmas não se caracterizam dessa forma é se inserir no espaço das crianças, ingenuamente. Trazemos essas colocações - mesmo que simples e talvez bem conhecidas para quem já estuda o escutar as crianças - justamente para reforçar os mesmos e apresentar aos leigos no assunto, o quão fascinante é esse grupo geracional, o qual aprende a ser humano com uma velocidade absurda, quase que imperceptível aos olhos de muitos adultos.

4. Práticas Educativas Ambientais para que a Educação encontre a Educação Ambiental

A relação da natureza consigo mesma é sustentável. Isto é, a natureza pela natureza se regenera, se reconstrói e vive plenamente. Porém, não podemos desconsiderar a interação humana, afinal a mesma também faz parte desse mundo natural. Emergir a partir do compromisso de promover nos sujeitos essa consciência - sentir-se pertencentes ao meio – torna-se um dos principais objetivos da EA, na medida em que os sujeitos envolvidos nesse processo de ensino/aprendizagem, ou cuidar/educar - no caso da Educação Infantil – tenham clareza de que a natureza não se encontra a disposição dos mesmos para servi-los, mantendo seus caprichos e poderes. Mas sim, que existimos por meio de uma relação recíproca.

Sendo assim, as crianças quando inseridas no meio social são sujeitos ativos. Pensar nelas meramente como indivíduos que se inserem em determinados espaços sociais - passivamente - é desconsiderar o meio como eixo estruturante de sua formação, tanto psicológica, quanto comportamental. Trabalhar com a Educação Ambiental com as Infâncias tem sua dimensão ampliada, na medida em que as Práticas Educativas Ambientais possam promover uma maior integração do educando com o seu contexto, fazendo com que o mesmo vivencie, perceba, se sensibilize e problematize os conflitos ambientais existentes no entorno de sua comunidade e do mundo global, adotando posturas, as quais encontram-se congruentes com um estilo de vida mais harmônico com os seres vivos e não vivos.

5. Metodologia

A partir de um diálogo com a escola organizamos atividades mensais na Sala Verde e na Escola com as crianças do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente / Rio Grande-RS – CAIC. A seguir podemos visualizar o cronograma de atividades:

Tabela 1: Cronograma de Atividades

ATIVIDADE/TEMPO	AGO	SET	OUT	NOV
Turma A / <u>Primeira etapa</u> : 2horas / <u>Segunda etapa</u> : 4horas	X			
Turma B / <u>Primeira etapa</u> : 2horas / <u>Segunda etapa</u> : 4horas		X		
Turma C / <u>Primeira etapa</u> : 2horas / <u>Segunda etapa</u> : 4horas			X	
<u>Terceira etapa</u> : Exposição aberta à comunidade na Sala Verde dos trabalhos- os ZOOMS – produzidos pelas turmas / 2horas				X

Fonte: Autoria das pesquisadoras.

Conforme disponibilidade de turmas, e a contemplação do cronograma de atividades, três turmas participarão das práticas educativas ambientais, a partir disso organizamos o desenvolvimento do projeto em três etapas, descritas a seguir: *Primeira etapa*: as crianças do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente – CAIC visitarão a Sala Verde (com agendamento prévio e autorização dada pela escola) para participarem de duas atividades organizadas para recebê-las. A primeira atividade consiste numa brincadeira denominada pelas pesquisadoras como “caixa surpresa”. Enquanto a caixa estiver sendo manuseada pelas crianças em roda, uma música estará sendo reproduzida e no momento em que a mesma for interrompida, a criança que estiver com a caixa na mão a abrirá e pegará um papel. Escolhemos a utilização da caixa e da música por entendermos a importância da realização de atividades lúdicas junto com as infâncias

Nos papéis que estarão dentro da caixa, estarão escritas palavras que desencadearam comentários pertinentes à Educação Ambiental para que um início de diálogo seja efetivado, como forma de introdução ao que iremos tratar no segundo momento da tarde. Dentre as palavras, estarão: amizade, pertencimento, natureza, homem, vida, água, reciclagem, participação social, dentre outras. Ao final desta dinâmica, passaremos para a segunda atividade, momento no qual será apresentado aos estudantes o livro “ZOOM”, o qual trata

sobre questões locais e globais a partir das imagens, as quais possibilitam a reflexão acerca do pertencimento da turma dentro do ambiente escola. Após as duas atividades será lançada a proposta de visitarmos as crianças na semana seguinte ou, após um período de 15 dias (conforme disponibilidade do trabalho do (a) professor (a) da turma), para que eles, de posse de uma câmera fotográfica façam o ZOOM da turma dentro da escola.

A *segunda etapa* do projeto consiste na aplicação da atividade denominada “**QUAL O LUGAR DO MEU ZOOM?**” No intuito de sensibilizar as crianças a refletirem sobre o lugar em que constroem suas vivências, essa segunda etapa consiste na elaboração de um livro “ZOOM” da turma com imagens locais e globais que as mesmas entendem como seu espaço de pertencimento. Os materiais utilizados para a atividade serão: câmera fotográfica, papéis coloridos, tintas, pincéis, tesouras, glitter, entre outros materiais para a construção do livro artesanal.

Como etapa de encerramento, faremos uma exposição do material produzido pelas crianças na Sala Verde, nesta etapa convidamos os responsáveis pelas turmas, equipe diretiva, como também as famílias para vivenciarem o resultado da produção das crianças. É importante salientar que estamos em diálogo com a comissão organizadora do X Encontros e Diálogos com Educação Ambiental - EDEA – que ocorrerá nos dias 26 e 27 e 28 de novembro de 2018, na Universidade Federal do Rio Grande- FURG, para que seja viabilizada uma exposição dos trabalhos confeccionados pelas crianças em um espaço do evento.

6. Considerações até o momento

Considerando este projeto como inédito e ainda em processo de constituição e adaptação, ainda nos deparamos com situações que escapam ao planejamento, porém temos ciência que esses impasses são parte do fazer pedagógico. O desenvolvimento de ações educativas com crianças, podem se configurar em desafios diários, já que as ações realizadas na Sala Verde e na escola não são cristalizadas, mas abertas a alterações conforme as demandas que irão surgir.

Até o momento já foram realizadas atividades com a primeira turma da escola, conforme previsto no calendário de atividades, no entanto, decidimos por não compartilhar as análises nesta escrita, pois entendemos que para que haja uma reflexão comprometida com o fazer pedagógico na Sala Verde, é necessário a participação de todos os sujeitos participantes do projeto.

Por fim, compreendemos que aliando àquilo que é objetivo do Projeto - possibilitar a reflexão e construção de um pensamento/ação ambiental ao objetivo da Educação Ambiental - contribuir para que as pessoas sintam-se verdadeiramente pertencentes ao meio que vivem, temos a pretensão de conseguir de alguma forma contribuir para que as crianças do CAIC percebam e sejam sensibilizadas a respeito dos problemas ambientais que as cercam, tanto localmente quanto globalmente e que, refletindo sobre as possibilidades reais de intervenção possam agir concretamente no meio qualificando as relações entre os humanos e desses com o ambiente, o mundo que o rodeia.

Referências

ANDRADE, LBP. Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

BANYAI, ISTVAN. ZOOM. São Paulo: Editora: BRINQUE BOOK, 1995.

BIBLIOTECA SETORIAL DA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL SALA VERDE “JUDITH CORTESÃO” (Rio Grande). Sala Verde da FURG. 2012. Blog. Disponível em: <<http://bibliotecasalaverde.blogspot.com/p/o-que-e-sala-verde.html>>. Acesso em: 15set 2018.

CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir as crianças? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas/ Silvia Helena Vieira Cruz (org.). -- São Paulo: Cortez, 2008.

COELHO, Carla Teixeira. MEDEIROS, Rita de Cássia Taveres. As infâncias no bairro Getúlio Vargas: um estudo com crianças. In: FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. Diários Educativos: Cultura, infância e educação infantil. Pelotas: Ed. Universitária da UFPEL, 2010. 213p. (Diários Educativos; 3)

DELGADO, Ana Cristina Coll. Infâncias e crianças: O que nós adultos sabemos sobre elas? Curso de extensão para educadoras de educação infantil: infância e televisão. Rio Grande, RS, novembro de 2003

HORN, Maria da Graça Souza, GOBBATO, Carolina. Percorrendo trajetos e vivendo diferentes espaços com crianças pequenas. In: ALBUQUERQUE, S.S; FLORES. M.L.R. (orgs). Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos, para quê? - 12. ed. São Paulo, Cortez, 2010.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas/ Silvia Helena Vieira Cruz (org.). -- São Paulo: Cortez, 2008.